

Aniversário de Fukushima e energia nuclear no Brasil

Ildo L. Sauer

Países destituídos de recursos energéticos, como Japão, Coreia, França e mesmo Índia e China, lançaram mão da opção nuclear como alternativa de suprimento energético primordial, e agora, em razão de Fukushima, estão promovendo profundas revisões. No caso do Japão e da Alemanha, debatendo o abandono definitivo da opção. Mas a dotação de recursos do Brasil permite outra estratégia e exige reflexão e debate mais profundos, inclusive sobre os benefícios da tecnologia e ciência nucleares. A construção de usinas nucleares, per se, não garante avanços significativos no domínio da tecnologia nuclear. A consolidação da capacidade nuclear brasileira, inclusive para geração elétrica, depende de planejamento, projeto, desenvolvimento e construção de reatores, especialmente de pesquisa, no País. Há dois projetos para cumprir este papel. O primeiro é o reator experimental de 50 MW, de iniciativa da Marinha, projetado e cujos equipamentos foram construídos e estão estocados há vinte anos. Este deveria, finalmente, ser montado e operado, com previa adaptação para testar tecnologias inovadoras em segurança, como as incorporadas pelo EPR (European Pressurized Water Reactor), por exemplo, o sistema de convecção natural para garantir o resfriamento do núcleo mesmo na ausência de energia elétrica. Outro projeto é o reator de alto fluxo de nêutrons, para teste de materiais, apoio pesquisa na agricultura, na biologia e na medicina, e para produzir radioisótopos, hoje caros e em falta no País. O investimento estimado para os dois projetos é de cerca de 1 bilhão de reais, 5% dos custos economizados com cancelamento do plano atual de geração nuclear e sua substituição por outras fontes, renováveis, sustentáveis, sem incorrer nos riscos da operação das usinas, sem deixar como herança carga radioativa a exigir cuidados das gerações futuras. Está na ordem do dia debater o cancelamento de Angra 3 e utilizar os cerca de 8 bilhões de reais ainda não gastos de seu orçamento de forma mais eficiente para a população brasileira.